

O PERDÃO CRIMINOSO

Enquanto o governo afunda em escândalos de corrupção, o nefasto ex-capitão do Exército ameaça novamente as instituições ao perdoar o deputado Daniel Silveira. É um tapa na cara dos democratas

Arte: Olímpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 25 de Abril de 2022 Nº 55

O governo ri com deboche da tortura na ditadura

Benedita: retomar a esperança para superar a miséria

Como o PT salvou o país? Aumentou a renda dos pobres

Humor: o olhar crítico e agudo do mestre Angeli



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

NESTA EDIÇÃO

INDULTO DO NEFASTO É NOVO ATAQUE AO SUPREMO E À LEI

O presidente afronta a Justiça ao conceder perdão ao deputado Daniel Silveira, condenado a quase 8 anos de prisão pelo STF por ataques à democracia brasileira

Página 10

The Economist/Reuters



EDITORIAL. Enquanto Bolsonaro ameaça o país, Lula constroi amplo diálogo

Página 4

ENTREVISTA. Benedita da Silva diz que o povo quer Lula para superar a crise

Página 6

DEMOCRACIA. Mourão debocha da sociedade ao rir sobre tortura na ditadura

Página 12

APELO. Lula convoca a juventude a arregaçar as mangas e derrotar o atraso

Página 13

TRABALHO. Ex-presidente volta a defender a reforma que garanta mais emprego

Página 14

MEIO AMBIENTE. Com Lula, especialistas discutem agenda verde para o país

Página 15

ARTIGO. Paulo Rocha diz que a mocidade tem o destino do país nas mãos

Página 16

ELEIÇÕES. Polarização está consolidada, mas governo enfrenta crise econômica

Página 18

SAÚDE. Governo decreta fim da pandemia, mas crise ainda não acabou

Página 20

TIRADENTES. O Brasil tem o desafio de unir democratas para defender a soberania

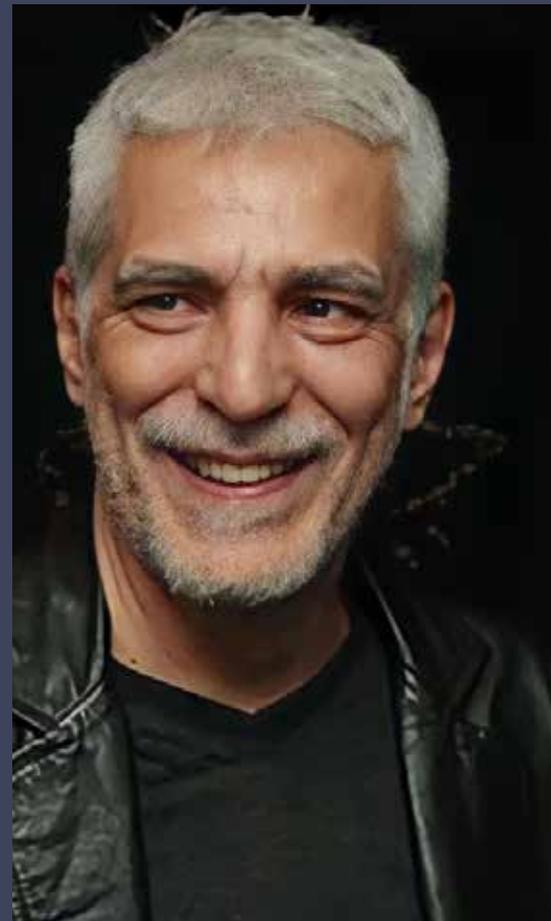
Página 22

ECONOMIA. PT salvou país ao aumentar a renda dos mais pobres em 13 anos

Página 24

MEMÓRIA. 1984: Newton Cruz ameaçou Brasília contra Emenda das Diretas

Página 28



CULTURA. O legado de Angeli, que se aposenta após 50 anos de carreira

Página 30



A DEMOCRACIA GRITA POR LULA

Aloizio Mercadante

Não há mais espaço para vacilações. Estamos diante de uma encruzilhada histórica, em que a grande vítima pode vir a ser a nossa democracia, construída com muita luta e esforço no enfrentamento de uma ditadura que matou, torturou e sufocou nossas liberdades.

É gravíssima a decisão de Jair Bolsonaro de enfrentar o Supremo Tribunal Federal e conceder perdão de pena ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), condenado à prisão – 10 votos contra 1 – por ataques e ameaças à Corte

e à democracia. Além de desrespeitar os ritos processuais, o decreto escancara a face autoritária do presidente, que mais uma vez afronta e ameaça o STF. Ele insiste em não respeitar a autonomia e a independência entre os poderes e segue deteriorando as instituições que dão sustentação ao Estado Democrático de Direito.

Nunca um presidente da República agrediu nossa Constituição de maneira tão grotesca. Ao tomar tal iniciativa, Bolsonaro abusou da prerrogativa presidencial e transgrediu o princípio da impessoalidade. É cristalino o desvio de finalidade, uma vez que o objetivo

não foi desfazer qualquer injustiça, mas o de utilizar o cargo para beneficiar um aliado político.

Esse novo ataque de Bolsonaro ao STF não chega a ser uma novidade, mas aprofunda uma estratégia que tem por objetivo evidente tumultuar as eleições de outubro. Durante a campanha de 2018, o filho do presidente foi claro ao declarar que bastava “um soldado e um cabo para fechar o STF”. Isso sem contar os inúmeros avanços do próprio Bolsonaro contra os tribunais.

Quem não se lembra do discurso de Bolsonaro para fanáticos, na Avenida Paulista, em 7 de setem-

bro? Além de tentar medir a própria força para um possível golpe, Bolsonaro xingou nominalmente o ministro Alexandre de Moraes, relator dos inquéritos das fake news e do caso Daniel Silveira no STF. Ele será o presidente do TSE nas eleições que se aproximam.

Bolsonaro aprofunda a truculência e o desrespeito às instituições democráticas quando decreta sigilo sobre informações que permitiriam investigar as suspeitas de corrupção e ilegalidades envolvendo o seu governo. É mais outra afronta ao princípio constitucional da transparência. Foi assim no caso do General Eduardo Pazuello e nas reuniões entre o próprio presidente e pastores acusados de tráfico de influência no Ministério da Educação. As denúncias de prefeitos, inclusive com relatos de pedidos de pagamentos em ouro, precisam ser investigadas.

Merece menção ainda a forma como Bolsonaro e seus asseclas agredem sistematicamente a imprensa e jornalistas. Ou como aparelha as instituições essenciais aos valores democráticos e republicanos.

Nesse cenário, é evidente que, se o presidente não respeita a democracia, também não respeitará o resultado das urnas. Ele sabe que será derrotado. Bolsonaro aposta no caos e no esgarçamento da democracia para colocar em curso o seu Projeto Capitólio – um golpe – para tentar se manter no poder com seu projeto extremista, autoritário, preconceituoso, misógino, obtuso e negacionista, que afrontosamente desrespeita os direitos humanos e a democracia.

A gravidade da situação dá a medida da urgência de um posicionamento dos democratas e que deve envolver desde já o compromisso por uma ampla aliança democrática. E, para isso, a democracia só tem um caminho, derrotar Bolsonaro e fortalecer politicamente o único que tem efeti-

vamente condições de vencer as eleições: Lula.

Não há mais terceira via e a única candidatura democrática que segue expandindo, dialogando e ampliando na construção de uma proposta de reconstrução para o país é a de Lula. Depois dos gigantescos atos na UERJ, no Acampamento Terra Livre e com as centrais sindicais, na última semana foi a vez de Lula se encontrar com ambientalistas e pesquisadores ligados à preservação do meio ambiente, além de jovens da periferia.

SE DE UM LADO, BOLSONARO SEGUE AGREDINDO NOSSAS INSTITUIÇÕES E O ESTADO DE DIREITO, DO OUTRO, LULA AVANÇA NO DIÁLOGO E NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS

Com representantes do PT, do PCdoB, do PV, da Rede e do PSB, a reunião com ambientalistas colocou a sustentabilidade, a preservação da Amazônia e a economia verde no centro estratégico das políticas de desenvolvimento do país. O entendimento é de que não seremos capazes de resolver o problema do emprego, da renda, da pobreza e da miséria se o país não voltar a ter crescimento. E esse só virá se

necessariamente adotarmos um novo padrão de desenvolvimento, com sustentabilidade econômica, ambiental e social.

No Heliópolis, segunda maior favela da América Latina, Lula destacou para os jovens a importância deles na luta política e na reconstrução de um país devastado pelo desgoverno. No ato organizado pela União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS), o ex-presidente fez uma convocação para que os jovens tirem o título de eleitor e se interessem pela política. Um telão e as redes sociais transmitiram toda exitosa passagem de Lula pela sofrida comunidade de Heliópolis.

Assim, se de um lado, Bolsonaro segue agredindo nossas instituições e o Estado de Direito, do outro, Lula avança no diálogo, na construção de propostas inovadoras e na mobilização popular para a reconstrução do Brasil e na defesa incondicional da nossa democracia.

Não é uma escolha difícil. É hora dos democratas deste país tomarem uma posição ao lado de Lula para a consolidação de uma vitória expressiva nas urnas, que não deixe qualquer margem para o avanço do ímpeto golpista do Projeto Capitólio do nefasto ex-capitão.

A união de todas as forças com Lula será capaz de trazer de volta um Brasil solidário, com desenvolvimento, estabilidade, justiça social e ambiental e, principalmente, um Brasil democrático. E o povo brasileiro, que segue padecendo com a fome, miséria, desemprego, endividamento e carestia, sem perspectivas hoje, voltará a ter comida na mesa, acesso a gás de cozinha, emprego e esperança. Precisamos reconstruir um país de oportunidades para todos e para todas. O grande arquiteto deste desafio é Lula. •

“QUERO O PASSADO DE VOLTA. E O MEU PASSADO É LULA”

Ex-governadora, a deputada federal alerta que a crise social está se agravando e que as condições de vida da maioria da população está piorando de maneira muito rápida. “A sociedade está perplexa. Quanto mais conhecimento você tem, mais esbarra com pessoas que acham que está tudo certo. Uma minoria acha que está tudo certo”, critica. “A maioria, que é a nossa negrada, está em dificuldades. Está no fogão à lenha porque não tem condição. Não bota mais carne na mesa. É omelete, e olhe lá. O filé de pobre hoje é o ovo”

Alberto Cantalice, Rose Silva e Pedro Camarão

Ela é um símbolo da mulher brasileira. Servidora pública, professora, assistente social, a deputada federal Benedita da Silva tem uma grande sensibilidade social. Ex-governadora do Rio de Janeiro ex-senadora da República, ela se diz atardecida com a crise social que a maioria da população está vivendo. As condições de vida pioraram com a queda de Dilma Rousseff em 2016 e as reformas elaboradas por Michel Temer e

seu sucessor, o nefasto ex-capitão do Exército Jair Bolsonaro.

“É triste um trabalhador, uma trabalhadora sem emprego, olhar os filhos pequenos e não ter nada, absolutamente nada para comer”, lamenta. A deputada denuncia que a situação em que o povo se encontra é a pior possível desde o fim da ditadura militar e a reconstrução democrática. “Lula incluiu 36 milhões de pessoas, acabou com a miséria no país e hoje estamos vivendo com mais de 20 milhões de pessoas que voltaram para a pobreza, passando as amarguras dessa vida e estão aí batalhando”, denuncia.

Nesta entrevista à revista **Focus Brasil**, Benedita, que completa 80 anos de vida em 26 de abril, diz que é tempo de mobilização e luta para varrer o atraso nas urnas e assegurar a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições para a Presidência da República em outubro. “O que unifica hoje não é uma questão de se é esquerda ou se é direita, o que unifica para essa nossa nova tarefa é a questão da retirada deste governo que aí está, que eu não fico falando o nome”, aponta.

Focus Brasil – A fome voltou e os mecanismos de proteção



social foram desmontados. Os pobres estão largados à própria sorte. Como a senhora vê esse momento tão difícil da história?

Benedita da Silva – A situação é muito crítica. Muita miséria, muita gente desempregada. Você encontra famílias inteiras que estão no meio da rua. E as pessoas estão empobrecendo cada vez mais. O gás está caro, a conta de luz muito cara, os preços dos alimentos estão críticos. Não é possível comprar 1kg de tomate por R\$ 12 ou R\$ 13. Tem outras coisas na cozinha sofrendo aumentos. Isso me faz lembrar do tempo das maqui-ninhas em que vinha alguém atrás da gente aumentando o preço e se você não corresse, pagava o novo preço. Estamos vivendo isso de novo no Brasil. A desigualdade social foi reduzida nos governos Lula e Dilma, mas, infelizmente, o que estamos assistindo hoje é que, além de terem colocado famílias nesse estado de fome e miséria, sem habitação e sem empre-

go, acabaram com o Brasil. Com o Golpe de 2016, vieram as reformas feitas do [Michel] Temer. Foi muito ruim para os trabalhadores e trabalhadoras. Perdemos muito, os sindicatos perderam muito. Eu estava acompanhando na Comissão do Trabalho. A gente via trabalhadores e trabalhadoras ansiosos porque é governo que não abre a porta para ninguém. Para fazer essa maldade, fecham tudo. Praticamente, acabaram com a carteira de trabalho.

O governo Temer acabou facilitando outras reformas que estão sendo concluídas por Bolsonaro. Essa situação leva a população a entrar em desespero. Estamos vendo a concentração enorme de renda. Mais uma vez, a minoria rica ganha muito com essas políticas e a pobreza tem que esperar o que sobra das mesas dos grandes senhores. É difícil. Eu passei fome na vida, muita fome. Muita fome. Então, sei do que eu estou falando. Quando falo de fome, estou falan-

do de uma coisa real, concreta. E é duro. É triste um trabalhador, uma trabalhadora sem emprego, e olhar os filhos pequenos e não ter nada, absolutamente nada para comer a não ser a água carregada de longe. Lula incluiu 36 milhões de pessoas, acabou com a miséria no país e hoje estamos vivendo com mais de 20 milhões de pessoas que voltaram para a pobreza, passando as amarguras dessa vida e estão aí batalhando. Essa é uma das maldades. Eu insisto nisso porque não tem nada para beneficiar. Se você vai falar de política, não pode falar de política social. Ela inexistente. Praticamente acabaram com os benefícios da população, das viúvas, dos idosos, da juventude e até das crianças.

E a população, que é majoritariamente negra e parda, está sofrendo a desigualdade. A pobreza tem raça. É negra. Depois que destruíram tudo o que Lula e Dilma fizeram, é preciso transversalidade para que o país se reencontre.

– **O que a senhora considera mais difícil e crítico?**

– Eu, com a idade que tenho, penso que esperava ver um Brasil diferente, com comida na mesa, dignidade, nossa negritude na faculdade... Todas essas coisas eu tinha o desejo de ver e vi no governo de Lula e no de Dilma. É incomparável os governos do PT com os demais. Eu tenho 80 anos. Vi muita coisa e espero que o Brasil tome rumo certo, novamente, com Lula presidente. O que foi feito nesse país em termos de inclusão, de combate à miséria, de milhões de carteiras assinadas... Quase que a gente zera o desemprego e a miséria... Mas agora, não. Agora, o que estamos vivendo é o contrário. Não só o desmonte do Estado e as maldades que vêm fazendo com negros e negras, mulheres, com a população LGBT, com os idosos. Eu sou uma idosa e pago por tratamentos de saúde porque tenho condição. Agora, uma pessoa da minha idade, pobre, não. Não tem mais Farmácia Popular. O pobre idoso não vai comprar remédio mais barato. Ele não tem condição de ter um médico de família que vai na casa, que visita como já tivemos.

Esse é um passado que a gente quer de volta. É o passado do Lula e da Dilma. A gente quer de volta. Difícilmente você quer o passado de volta. A gente costuma querer ir pra frente. Mas não agora. Nós tivemos um retrocesso grande. Se você for olhar cada segmento e conversar com cada pessoa do povo, vai ver que todos vão falar a mesma coisa: não dá mais pra gente ter este governo. O Planalto encheu alguns de armas. Este governo desobrigou o cidadão a estudar, a ser médico, doutor... Tudo o que foi maravilhoso para a população perdemos para essa política. Então, quero o passado de volta. E o meu passado de volta é Lula. Este cara é “o cara” para fazer com que o país retome o seu

rumo. É muito triste o que estamos vendo. É muita miséria. Não gosto muito de ficar olhando para as pesquisas, mas você tem que olhar. O desafio é muito grande, mas muito grande. Você vai pegar um número e vai ver que nós estamos na base da pirâmide social. Veja, há quanto tempo que não se falava na pirâmide social. E nós já estávamos fora dessa base com oportunidades para esse país. Vou continuar dizendo que eu quero o passado de volta.

– **A senhora já apontou que a**

“É MUITO TRISTE O QUE ESTAMOS VENDO. É MUITA MISÉRIA. O DESAFIO QUE TEREMOS PELA FRENTE É MUITO GRANDE, MAS MUITO GRANDE”

discriminação é contra os negros, as mulheres. Como a senhora vê a sociedade diante de toda essa destruição no Brasil?

– A sociedade está perplexa. Quanto mais conhecimento você tem, mais você esbarra com pessoas que acham que está tudo certo. Uma minoria que acha que está tudo certo. E uma maioria, como eu disse, que é a nossa negrada, que está lá no fogão à lenha novamente porque não tem condição. Não “bota” mais carne na mesa. É

omelete, e olhe lá. O filé de pobre hoje é o ovo. Já aumentou. Estava R\$ 7 o preço de 30 ovos. Passou para R\$ 9. E agora já está R\$ 16, R\$ 17. E é oferta. A população negra, nesse contexto, que é a maioria, está sofrendo isso. É a maioria da população quem está sofrendo isso. É a situação de gênero, de classe e de raça. Não podemos abandonar isso. Não podemos achar que apenas estudando é que um negro ou uma negra vai vencer. Não. Tem vários outros mecanismos e infelizmente a sociedade e muitos segmentos estão se mexendo por conta dessa barbárie. Mas não deveria. Deveríamos ter dado força e continuidade ao projeto de Lula votando em Fernando Haddad para presidente. Então, esse voltar que falo, que quero a volta ao passado, tem muita gente também com este sentimento. Desde o intelectual até o mais pobre, existe hoje na população uma recordação. Nessa barbárie que vivemos, muitos têm certeza de que precisam se organizar. Então, negros e negras estão se organizando contra este governo. O atual governo não foi e não é bom para nós, mulheres.

A política colocada pelo governo Lula em direção a nós [mulheres negras], foi importante. A titulação dos quilombolas foi muito importante. A história do Brasil tem negros e negras. E o Lula botou a cara do Brasil para fora. Há um movimento e é bom que esse movimento está dizendo que quer Lula presidente. Que bom. Que ótimo. Agora estamos falando também para os governantes, para os partidos políticos, principalmente de esquerda. E aí eu estou falando do meu, o PT, que a sociedade, dentro dessa barbárie, conseguiu se organizar em vários grupos com um só pensamento. O que unifica hoje não é uma questão de se é esquerda ou se é direita, o que

unifica para essa nossa nova tarefa é a questão da retirada desse governo que aí está, que eu não fico falando o nome dele. Isso é muito importante. Isso vale muito. Nós estamos, a maioria, unificados. Nessa tragédia, estamos unidos. Eu não estou dizendo isso porque estou falando aqui para vocês, mas é porque saio de casa, ando na rua, vou na feira. Hoje, fui numa clínica e quando estava chegando precisei colocar máscara. Achei uma na minha bolsa vermelha e com uma estrela. Coloquei e de canto de olho eu só via os dedinhos pra mim [fazendo L e Lula]. Então, a gente pode colocara estrela no peito e sair porque o povo está a fim.

– A senhora é a principal referência do PT e do campo progressista no mundo evangélico, além de ser uma líder do movimento negro e de mulheres. A senhora acha que no mundo evangélico está ocorrendo um despertar?

– É muito interessante essa pergunta porque usaram e alguns continuam usando versículos bíblicos para dizer que estão certíssimos e que a esquerda está errada. Então, tem o “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Os segmentos evangélicos tiveram que assistir dois momentos terríveis: o impeachment da Dilma e a prisão de Lula. Foram momentos que dividiram os debates no mundo evangélico. Uns não falavam, mas ficavam revoltados de que não havia uma manifestação nas igrejas em relação à prisão de Lula. Mas havia [nas igrejas] um palanque para falar do governo. Eu peguei esse versículo “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” e é com esse versículo que a gente tem conversado. Então, aqueles evangélicos que, em nome da verdade, estavam do outro lado, agora sabem que foram engana-

dos. Sabem que mentiram. Tem muitos evangélicos com Lula e vai ter muito mais evangélicos votando em Lula.

Está havendo um movimento de diferentes denominações e as pessoas ligam. Todo mundo sabe que a gente está coordenando a área e criando os núcleos regionais dos evangélicos do PT. No futuro vai ser evangélicos pró-Lula, quando já puder fazer a campanha. E base da igreja, as pessoas estão se mobilizando. Mulheres, negros, juventude, crianças... São pessoas que tra-

“OS EVANGÉLICOS QUE, EM NOME DA VERDADE, ESTAVAM DO OUTRO LADO, AGORA SABEM QUE FORAM ENGANADOS. E ESTÃO COM LULA”

balham diuturnamente fazendo trabalho social e fazendo oração também dentro dos presídios. Aí ligam pra mim e dizem: “Olha, o Lula tem que ver esse sistema penitenciário. Está uma loucura”.

– E a eleição para o Congresso? Será possível eleger um Congresso melhor?

– É o que eu espero. E é uma das coisas que o Lula tem colocado também, que não basta eleger o presidente. Precisamos de uma base de sustentação parlamentar.

Na questão da federação, eles se juntaram para que qualquer governo que lá esteja, que eles sejam uma maioria para fazer “negócios”. Aquelas ameaças. E a gente já sabe que com Lula é diferente porque é uma pessoa do diálogo, transparente. Então, quem for com essa má intenção, achando que sou maioria e, portanto, não vou deixar o governo fazer nada, isso não vai acontecer. A gente está fazendo esse chamamento para somar a bancada, que não seja só uma bancada, como digo, de esquerda, mas também daqueles que praticam uma política de defesa do povo, desenvolvimento e inclusão social. Tem pessoas com esse caráter. Nós precisamos fazer essa grande bancada. É por isso que na campanha tiraram tudo o que fosse visual para que a gente não pudesse alcançar todo mundo. Mas está aí a campanha que a gente vai fazer pelas redes. Ela é incentivadora. Estamos pedindo para as pessoas votarem. São diferentes grupos atuando nas redes nessa campanha.

– Como vamos avançar para aumentar a bancada das mulheres e dos negros?

– É preciso fazermos o resgate da democracia. Com liberdade nós teremos certeza de que o projeto que está sendo colocado, de Lula, vai beneficiar cada vez mais a democracia. Hoje, estamos vivendo um processo de autoritarismo, de neofascismo. Mas, mesmo com isso e, até por isso, mulheres negras e brancas também, estamos nos organizando para que a cara do Congresso seja mais feminina e mais preta. É preciso. Estamos fazendo isso. A gente fala: prestem atenção, não podemos deixar de fora as mulheres, os negros e a juventude. Isso vai ser importante. A gente tem que colocar a cara do Brasil no Congresso. E nós, a mulherada, estamos trabalhando para isso. •



○ INDULTO DO CRIMINOSO

Bolsonaro afronta a democracia ao conceder um perdão fora da lei ao truculento Daniel Silveira. O deputado foi condenado a 8 anos e 9 meses de prisão pelo Supremo por atacar as instituições e os próprios ministros do STF. A oposição condena a manobra e o país assiste a mais uma escalada da crise institucional

O inominável voltou a afrontar a democracia, as instituições e o Estado Democrático de Direito. Na quinta-feira, 21, em pleno feriado da Inconfidência, o presidente Jair Bolsonaro anunciou um indulto ao deputado federal Daniel Silveira, condenado a quase 8 anos e 9 meses de prisão pelo Supremo Tribunal Federal, na véspera, 20 de abril. Agora, o país vive nova escalada autoritária e uma crise institucional grave.

A presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), qualificou como “gravíssimo ataque à democracia” o “indulto individual” concedido pelo presidente ao parlamentar. Ele foi con-

denado por instigar a população contra o STF e os ministros. Gleisi alerta que Bolsonaro utiliza a lei contra a democracia. E adverte: é urgente a união de todos para “preservar o processo eleitoral”.

“Chegamos a esta situação dramática porque nem sempre houve a reação devida contra o autoritarismo de um pregador da tortura”, lamentou Gleisi. “E ele avançou, com a ousadia dos canalhas”. Seguindo a deputada, não se trata mais de debater os fundamentos jurídicos de um decreto de natureza claramente política, de índole absolutista. “Trata-se de defender o país contra um golpista”, fulmina.

Juristas, como o ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão e Ân-

gelo Ferraro, denunciaram a manobra. “O desvio de finalidade é manifesto. O presidente foi muito além do que seu cargo lhe faculta”, apontam, em artigo publicado no site do PT. “Ao garantir impunidade a Daniel Silveira pelas ofensas ao STF e a seus ministros, [Bolsonaro] amesquinhou a estatura do Judiciário e usou seu cargo para proteger um apoiador político, com evidente intuito de agredir a República”.

O coletivo Pacto pela Democracia, que reúne quase 100 organizações da sociedade civil, divulgou manifesto contra o decreto presidencial. “A salvaguarda garantida pelo direito constitucional à liberdade de expressão não

Os ataques do bolsonarista

Porque o deputado foi processado em 2021 na Suprema Corte? Pelos ataques proferidos contra ministros do STF

Sobre Edson Fachin

"Seu moleque, seu menino mimado, mau-caráter, marginal da lei, militante da esquerda, lecionava em uma faculdade, sempre militando pelo PT, pelos partidos narcotraficantes, na-

ções narcoditadoras (...) Fachin, você integra, tipo assim, a nata da bosta do STF, certo? (...) Militante idiotizado, lobotomizado, que atacava militares junto com a Dilma [Rousseff], aquela ladra, vagabunda".

Sobre Gilmar Mendes

"Solta os bandidos o tempo todo. Toda hora dá um habeas corpus. Toda hora, vende um habeas corpus, vende sentenças, compra o cliente. 'Opa, foi preso [por] narcotráfico, opa manda pra mim, eu vou ser o relator, tendo ou não a suspeição, desrespeitando o Regimento Interno dessa suprema aí que de suprema nada

tem. [Está] previsto lá no artigo 101 da Constituição os requisitos pra que vocês se tornem ministros, totalmente esvaziados, totalmente inócuos. Totalmente oligofrênicos, ignóbeis. É o que vocês são".

Sobre Alexandre de Moraes

"Eu fiquei 11 meses no presídio, 11 meses, sem crime. Mas acho que eu estava mais livre, porque o menor presídio do mundo é a toga do ministro Alexandre de Moraes: só cabe um marginal. É muito complicado que se tenha pessoas dessa estirpe dentro do STF, atropelando a Constituição".

deve ser confundida com uma autorização para minar a democracia brasileira", diz o manifesto, assinado pela Associação Brasileira de Imprensa, Juristas pela Democracia, Oxfam Brasil, Associação Brasileira de ONGs, e outras entidades. "A democracia brasileira resistirá às aventuras autoritárias perpetradas por aqueles e aquelas que, apesar de escolhidos dentro das regras do jogo democrático, desejam seu fim".

Na quarta-feira, 20, por 10 votos contra 1, o Supremo apontou que Silveira cometeu crime e interferiu no "livre exercício" do Estado, ao ameaçar as autoridades judiciais do país. Ex-sargento da PM do Rio, um dos mais assanhados bolsonaristas no Congresso, o aliado do líder da extrema-direita questionou no ano passado a integridade de ministros da Suprema Corte, conclamando seus apoiadores a invadir o tribunal. Ele defendeu a adoção do AI5 para fechar o Supremo e estabelecer um regime de exceção.

Agora, o ex-capitão do Exército ignora uma decisão judicial e concede indulto ao parlamentar, mesmo que processo não tenha

transitado em julgado. A alegação do presidente e aliados que reclamam do ativismo judicial do STF não se sustenta, até porque Daniel Silveira não teve tolhida sua liberdade de expressão, mas incorreu contra a própria democracia ao ameaçar fisicamente integrantes da Corte. Bolsonaro justificou a decisão de perdoar Silveira como

**O EX-MINISTRO
EUGÊNIO ARAGÃO
ALERTA: "O DESVIO
DE FINALIDADE
É MANIFESTO. O
PRESIDENTE FOI
MUITO ALÉM DO
QUE SEU CARGO
LHE FACULTA"**

defesa da "inviolabilidade da opinião" concedida pela Constituição do país. Uma mentira.

"Bolsonaro afronta o STF com perdão a deputado que ameaçou ministros e pregou um Golpe de Estado", ressalta o senador Humberto Costa (PT-PE). "Ele está em busca de pretextos para tentar golpear a democracia. O Congresso precisa se manifestar". O parlamentar declarou que a decisão de Bolsonaro não tem base constitucional e tem que ser derrubada pelo próprio Supremo.

A decisão tomada pelo STF, por maioria esmagadora, baseou-se numa denúncia da Procuradoria Geral da República. O deputado foi acusado pelos crimes de "coação, incitamento à violência, atentado contra o Estado de Direito e as instituições democráticas". Ele tentou impedir o funcionamento do Judiciário por meio de graves ameaças. Em vídeos divulgados nas redes sociais, Silveira chegou a sugerir o assassinato de ministros do STF, que estariam "conspirando" contra o governo Bolsonaro.

Ainda na sexta-feira, 22, deputados e senadores da oposição fi-

zeram uma ofensiva jurídica para derrubar o decreto presidencial que concedeu perdão ao bolsonarista. Quatro ações diferentes foram protocoladas no Supremo questionando o decreto: uma da Rede Sustentabilidade, outra do PDT, outra do Cidadania e uma reclamação do senador Renan Calheiros (MDB-AL). A ministra Rosa Weber foi sorteada relatora dos processos.

O decreto do indulto concedido apenas ao deputado não encontra paralelo desde a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988. A concessão de graça, ou indulto individual, para apenas uma pessoa é inédito. O decreto pode ser interpretado como desvio de finalidade, ao ferir os princípios da impessoalidade e da moralidade, tornando-o inconstitucional.

Depois do indulto fora da lei concedido por Bolsonaro a Silveira, outros aliados do presidente, como o ex-deputado Roberto Jefferson (PT), e o líder caminharinho Zé Trovão, alvos de ações do STF por afronta à corte e seus integrantes, anunciaram que esperam o mesmo tratamento do Palácio do Planalto. “Estamos do lado dele e sabemos que se ele puder ajudar em alguma coisa, na hora certa o fará”, declarou a ex-deputada Cristiane Brasil. Ela puxou o coro em favor do pai, Roberto Jefferson, nas redes sociais logo após a divulgação do indulto a Silveira.

Na mesma sexta-feira, o presidente do Clube Militar, o general da reserva Eduardo Barbosa, publicou texto de apoio ao decreto de Bolsonaro a Silveira. O general repete o tom de desprezo aos ministros do Supremo usado por Bolsonaro e Daniel Silveira. “Lamentável termos, no Brasil, ministros cujas togas não serviriam nem para ser usadas como pano de chão, pelo cheiro de podre que exalam”, atacou. •



O vice que debocha

Diante das revelações de que o STM sabia da prática de tortura durante pelo menos 10 anos da ditadura militar, o general Mourão ri: “Vai trazer os caras do túmulo?”

Não bastassem as constantes afrontas do presidente Jair Bolsonaro à democracia e suas instituições, também o vice-presidente da República agora deu para debochar das revelações de que o regime que sufocou o país durante 21 anos, torturou dissidentes e matou muitos. Na segunda-feira, 18, o General Hamilton Mourão riu diante das revelações do Globo, no domingo, 17, sobre os áudios de sessões do Superior Tribunal Militar (STM) em que ministros admitem a prática de tortura.

“Vão Apurar o quê? Os caras já morreram tudo, pô. Vai trazer os caras do túmulo de volta?”, disse Mourão, rindo, ao chegar no Palácio do Planalto. A colunista Miriam Leitão, que teve acesso ao material, divulgou parte dos áudios, que vêm sendo estudados pelo historiador Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nas sessões do STM, entre 1975 e 1985, os ministros do STM tecem comentários sobre casos de tortura que ocorreram durante a ditadura. “Isso já passou. É a mesma coisa que a gente voltar para a ditadura do Getúlio. São assuntos já escritos em livros, debatidos. É passado, faz parte da História do país”, desdenhou Mourão.

A Comissão de Direitos Humanos do Senado, presidida por Humberto Costa (PT-PE), anunciou que vai pedir acesso às gravações em que ministros do STM admitem a prática de tortura. “A exposição desses áudios é uma assunção cabal do Estado brasileiro sobre tudo o que cometeu durante o regime militar”, disse. “Isso mostra que o trabalho com o nosso passado mal começou. A Comissão da Verdade foi um grande passo. Mas ainda há um enorme caminho a percorrer”.

Segundo Humberto, a partir da divulgação desses dados sensíveis, a Comissão de Direitos Humanos do Senado vai promover uma devassa. “Precisamos passar o Brasil a limpo. Urgentemente. Vamos fazer uma rigorosa investigação sobre esses arquivos”, disse. O deputado Carlos Veras (PT-PE), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, lembra que nada justifica a prática violenta contra presos políticos. “Esses áudios reforçam que durante a ditadura militar houve perseguição, tortura e morte de pessoas que eram contrárias ao regime”, aponta. “Vale lembrar, que torturadores jamais deveriam ser exaltados”. •



LULA CONVOCA A JUVENTUDE

Em Heliópolis, periferia de São Paulo, o ex-presidente desafia a mocidade a mudar o país. “Vocês estão desafiados a provar que podem”, aposta. “Temos que mudar o curso da história e essa eleição é uma oportunidade de definir o Brasil que a gente quer”

Pedro Camarão

A hora é de mudar o Brasil e reconstruir a Nação que todos sonhamos. Este foi o apelo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no feriado de 21 de abril, aos jovens que vivem na comunidade de Heliópolis, em São Paulo, a maior favela da capital. “Temos que mudar o curso da história e essa eleição é uma oportuni-

dade de definir o Brasil que a gente quer”, disse.

“Vamos dizer para quem a gente conhece que tenha mais de 16 anos e não tem o título: não entre na do Bolsonaro. Você não tem que comprar fuzil, não tem que comprar pistola, não tem que comprar bala, não tem que comprar arma. Tire o título do eleitor e dê um tiro nas coisas ruins para a gente mudar a história do país”, declarou.

Lula foi bem claro ao falar sobre

a importância do momento. “Está na hora de a juventude tomar a frente”, disse. “Vocês estão desafiados a provar que podem”. Bem-humorado e atento às falas dos jovens que compareceram à quadra da União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS), Lula plantou esperança e lembrou da responsabilidade de todos.

“Se a juventude não se mobilizar com 18 anos, não tiver vontade, fica muito difícil mudar o país”,

disse. “Se você quer mudar a sua cidade, você tem que participar, tirar o título de eleitor e participar da democracia do país”, afirmou. Ele acrescentou que os jovens prestem atenção nos candidatos ao Parlamento em que vão votar para que não elejam raposas para cuidar do galinheiro.

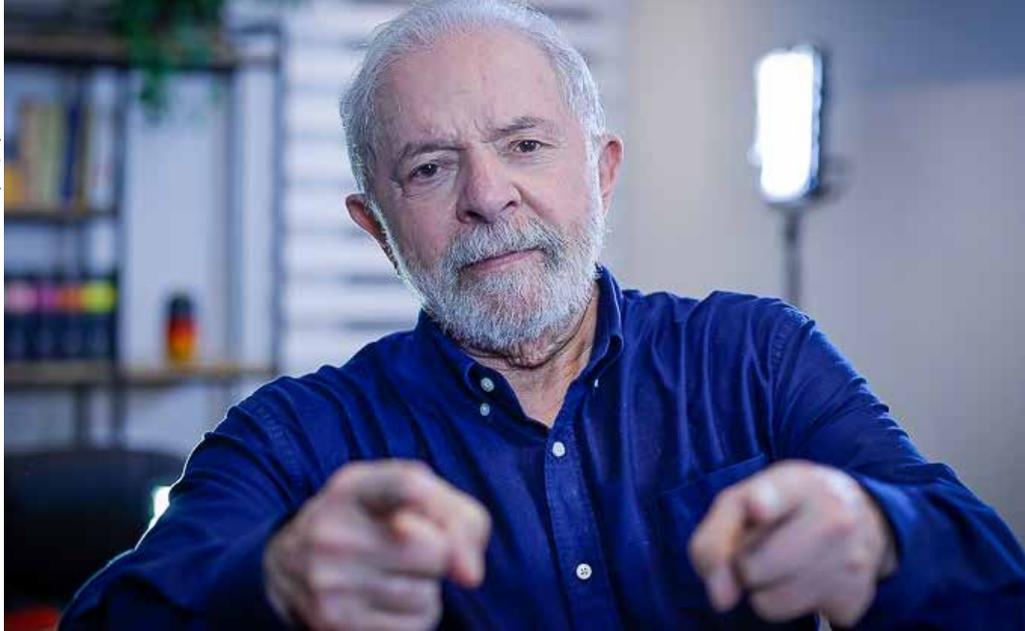
O clima era de comoção na quadra. Ali estavam dezenas de jovens que são os primeiros de suas famílias a terem ingressado em universidades. Programas como Sisu, Prouni e muitos outros foram enaltecidos por cada um dos jovens que discursaram na frente do ex-presidente. Sabrina, 21 anos, estudante do curso de Políticas Públicas na UFABC, disse estar indignada com a precarização da educação no Brasil e também das condições de vida. “Somos obrigados a aceitar trabalhos precários”, disse.

Outra jovem, Maiara Esteves, coordenadora do Núcleo de Mulheres da UNAS Heliópolis, recitou uma poesia emocionante sobre a resiliência dos moradores de favelas que enfrentam dificuldades, têm os seus direitos desrespeitados. Ela terminou dizendo “a palavra que ecoa por aqui é resistência”.

As palavras duras contrastavam com a alegria por receber o ex-presidente, mas a realidade local não é nada fácil. Jade, jovem grávida e moradora da favela, lembrou que são muitos os jovens que estão sendo obrigados a deixar os estudos para trabalhar.

O desemprego é um problema grave e que afeta diretamente esta e muitas outras comunidades espalhadas pelo país. Após ouvir todos os jovens, Lula fez críticas à elite por não querer ver o povo informado. E também aproveitou a oportunidade para falar sobre a conduta de Jair Bolsonaro. “É um presidente desqualificado moralmente”, declarou, chamando o atual presidente de mentiroso. •

Ricardo Stuckert



REFORMA PARA MAIS EMPREGOS

Lula defende reforma que respeite o trabalhador e reconstrua direitos perdidos com as reformas de Temer e Bolsonaro: “Todos precisam ser tratados com respeito, não podem ficar sem seguridade social”

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva está comprometido em assegurar os direitos dos trabalhadores, atacados pelas reformas aprovadas pelos governos Temer e Bolsonaro. Em entrevista à rádio Conexão, de Tocantins, Lula declarou que pretende levar ao país na campanha um debate sobre uma reforma trabalhista comprometida em respeitar direitos.

“Eu recebi um documento do movimento sindical, todas as centrais sindicais me apoiaram, não para a gente revogar [a reforma trabalhista], porque ninguém quer a volta ao passado”, declarou. “A gente quer reconstruir, [criar] uma relação de trabalho moderna, que leve em conta o mundo do trabalho de hoje, os avanços tecnológicos. Mas os trabalhadores precisam ser tratados com respeito, não podem ficar reféns, sem ter nenhuma seguridade social”, defendeu.

Lula destacou que, lamentavelmente, a reforma aprovada no governo de Michel Temer apenas se preocupou em retirar

direitos e não ajudou o Brasil a gerar empregos. “O que eles fizeram foi a destruição dos direitos conquistados, oferecendo ao trabalhador um nada”, criticou.

Ele lamentou que o governo tenha acenado com empregos intermitentes e a ideia equivocada de um empreendedorismo, quando na verdade houve uma brutal precarização do emprego formal. “Como se você entregar comida numa moto ou numa bicicleta ou se você trabalhar no Uber fosse empreendedorismo”, lamentou. “Nós voltamos quase que a um tratamento do tempo da escravidão”.

Lula disse que quer rediscutir as relações trabalhistas em uma mesa de negociação envolvendo todos os setores. “O que eu quero fazer? Criar uma mesa de negociação entre governo, empresários e sindicatos”, disse. “Se for necessário, chamaremos as universidades, para que a gente construa uma nova relação de trabalho, mas civilizada, mais moderna, mais humanitária do que a que nós temos hoje”. •



POR UM NOVO PROTAGONISMO AMBIENTAL

Lula participa de debate com cientistas, ex-ministros e dirigentes do PV e PSB para discutir uma nova agenda verde para o país. “O Brasil precisa acabar com a destruição da Amazônia. Estamos perto de um ponto de não retorno”, alerta Carlos Nobre

O lançamento de uma nova empresa de pesquisa, nos moldes da Embrapa, mas voltada à biodiversidade, a criação de um plano de metas para municípios e estados combaterem o desmatamento e até a possibilidade da adição de outro “S” – de sustentabilidade – na sigla do BNDES são propostas que surgiram no encontro sobre a agenda ambiental de um eventual governo Lula. O objetivo é transformar o país em uma potência de desenvolvimento verde.

A Fundação Perseu Abramo sediou o encontro que teve a participação de especialistas. Lula participou do encontro liderado por Aloizio Mercadante, presidente da FPA e coordenador do programa de governo. A emergência climática, a necessidade de proteger as populações locais e de combater o desmatamento foram temas centrais no encontro.

“O Brasil precisa acabar com

a destruição da Amazônia. Estamos perto de um ponto de não retorno”, afirmou o cientista Carlos Nobre, ex-presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Ele lembrou que o desmatamento de florestas cresceu vertiginosamente durante o governo Bolsonaro. Desde 2019, foram derrubados 33 mil km² de floresta na Amazônia.

A questão é fundamental porque as emissões de gás carbônico são preponderantemente oriundas da destruição das florestas. O incentivo ao desmatamento transformou o Brasil em um pária na área ambiental. “A Amazônia hoje coloca ou tira o Brasil do mundo”, resume a ex-ministra Izabella Teixeira. Um dos grandes desafios é combater o garimpo ilegal. “A legislação existente já não dá conta de enquadrar o garimpo. É preciso que seja feita uma revisão”, aponta José Carlos Lima, presidente da Fundação Verde Herbert Daniel.

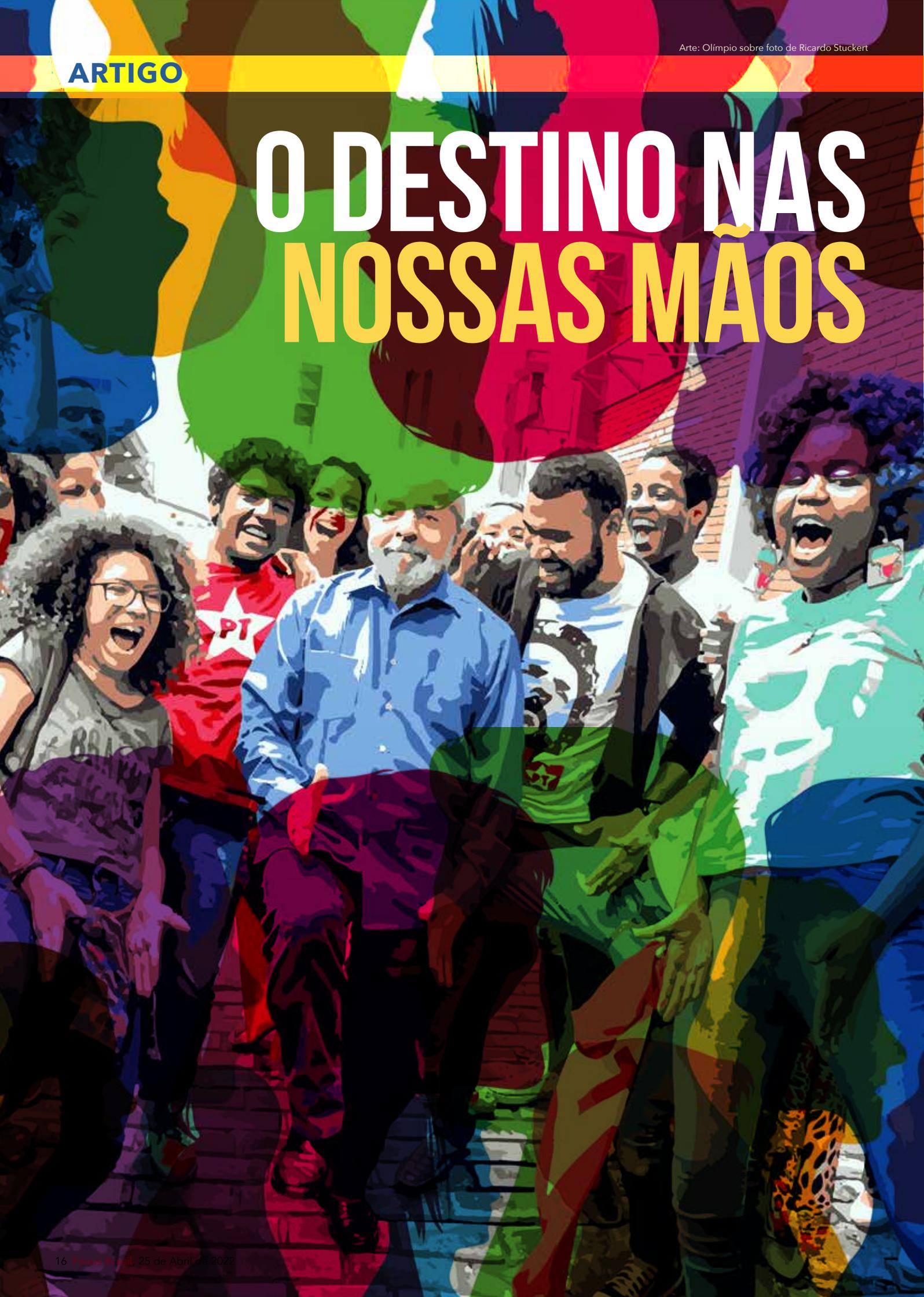
Entre os grupos que desen-

volem propostas é unanimidade que o meio ambiente não pode mais ser tratado como uma questão separada. A nova agenda verde precisa atravessar diversas áreas. A ideia de sustentabilidade tem que se tornar prerrogativa em todos os setores. Trata-se de algo fundamental para possibilitar um desenvolvimento econômico sustentável, gerar empregos e atrair investimentos para o país.

Participaram quem esteve estiveram na linha de frente nos governos do PT, como Suely Araújo, a economista Esther Albuquerque, mas também o deputado Nilto Tatto (PT-SP), e outros que têm tratado de políticas públicas, como o professor Ricardo Abramovay (USP), além de políticos como o ex-governador Wellington Dias (PT-PI), os senadores Jaques Wagner (PT-BA) e Randolfe Rodrigues (Rede-AP). E Alexandre Navarro Garcia, vice-presidente na Fundação João Mangabeira e Gleisi Hoffmann, presidenta do PT. •

ARTIGO

O DESTINO NAS NOSSAS MÃOS



A juventude tem força política, garra e rebeldia. E, assim como em diversos momentos da nossa história, vai mostrar compromisso para levar adiante as ideias de uma Nação livre do ódio, do rancor e da desigualdade, recuperando a democracia, a soberania e a dignidade do povo

Paulo Rocha

A eleição presidencial de 2022 é a mais importante desde a redemocratização do país e do fim da ditadura militar. O país



está diante de uma encruzilhada que mostram caminhos diametralmente opostos. De um lado, o retrocesso, com a continuidade do atual governo liderado por um facínora que enaltece a tortura e a morte. De outro, o avanço, com a luta pela reconstrução da Nação com base em justiça social, solidariedade, amor ao próximo e trabalho para todos. Este é o projeto representado pela candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva e todos os democratas que defendem a vida, o desenvolvimento, o crescimento econômico para todos e o respeito aos direitos humanos.

Nesta disputa que se avizinha e terá desfecho em outubro, a juventude tem a oportunidade de mostrar a força mobilizadora que definirá o destino da Nação. A mocidade está atenta ao momento que vivemos. Tanto que, de acordo com a Justiça Eleitoral, até 21 de março, 854.685 jovens de 15 a 18 anos já haviam solicitado a emissão do primeiro título de eleitor. A juventude quer não apenas escolher o próximo presidente e seus representantes nos governos e no Legislativo, mas assegurar que a esperança vença o atraso lidera-

do pelo ex-capitão do Exército, que quer implantar o neofascismo no Brasil.

A juventude tem força política e rebeldia no sangue. E, assim como em diversos momentos da nossa história, vai

mostrar compromisso para levar adiante as ideias de uma Nação livre do ódio, do rancor e da desigualdade. É a juventude que, mais do que nunca, pode mostrar como podemos reconciliar o país, com sua força criativa, sua garra e seu amor. Não é hora de temer nada. É hora de esperar, abraçar o futuro que vamos construir juntos, cidadãos comprometidos com a democracia e o bem-estar do povo.

A juventude mobilizadora é quem pode definir esta eleição ainda no primeiro turno. O artigo 14 da Constituição estabelece que o voto é facultativo para jovens de 16 e 17 anos. Só passa a ser obrigatório a partir dos 18 anos. Mas, rapazes e moças de 15 anos que completarão 16 anos até 2 de outubro, data do primeiro turno das próximas eleições, também podem tirar o título de eleitor.

Olha que oportunidade se abre para o engajamento da mocidade. No momento mais crítico da Nação, que amarga desemprego de 15 milhões de pessoas, viu a morte de 660 mil brasileiros pela omissão do governo na condução da pandemia da Covid nos últimos dois anos, e assiste incon-

formada a fome na casa de mais de 100 milhões de brasileiros, que sofrem com a perda de renda, é a juventude que pode definir o destino do país. A escolha do projeto que queremos para a Nação está nas nossas mãos, e devemos optar sem medo de sermos felizes.

A Justiça Eleitoral registrou 1.051.000 jovens, entre 16 e 17 anos, com título de eleitor até março. Apesar de alto, este é o menor número de adolescentes aptos a votar em 20 anos. Representa o 17,32% da população brasileira nessa faixa etária. É hora de mostrar a diferença. Como diria a canção de Lulu Santos: *“Eu vejo um novo começo de era,/ de gente fina elegante e sincera/ Com habilidade pra dizer mais sim que não”*. Vamos dizer sim ao futuro. Vamos esperar.

Podemos fazer mais e nos engajar de corpo e alma. A juventude que está lutando por um Brasil mais justo, batalhando por novos dias e o futuro nos movimentos sociais, engajada na política estudantil, discutindo o Brasil que queremos nas universidades, vai assumir agora o seu papel de protagonista. Devemos sair das salas de aulas nas escolas e faculdades para garantir um futuro melhor para todos. É hora de lutar para que mais jovens se cadastrem na Justiça Eleitoral para dizer não ao nefasto e sonharmos com um outro Brasil. A hora é agora.

Sem medo de ser feliz! •

* Senador pelo Pará, é líder do PT no Senado Federal.



POLARIZAÇÃO ESTÁ CONSOLIDADA

Cenário está cristalizado entre Lula e Bolsonaro e 64% já têm certeza de voto. Entre os mais jovens, caiu a avaliação negativa do presidente da República. Problema para o Planalto é o cenário econômico: maioria critica piora na vida

Matheus Tancredo Toledo

As pesquisas indicam que a polarização entre os dois principais candidatos à Presidência da República, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual Jair Bolsonaro (PL), está consolidada. De acordo com o instituto Quaest, 64% dos brasileiros já têm certeza do voto, enquanto 35% ainda podem mudar de opção.

Entre os que preferem que Lula seja eleito, 76% dizem que a esco-

lha é definitiva, enquanto 69% dos que preferem a eleição de Bolsonaro estão certos de sua escolha. Entre os que dizem preferir que nem Lula, nem Bolsonaro ganhem, são 66% os que afirmam que o voto ainda pode mudar.

Este é o mesmo cenário apontado pelo PoderData mais recente. Entre os eleitores que votam em Bolsonaro, há 90% de certeza na escolha. Enquanto 83% dos eleitores de Lula também estão decididos. Entre aqueles que preferem Ciro Gomes (PDT), 62% ainda podem mudar de voto, número que é

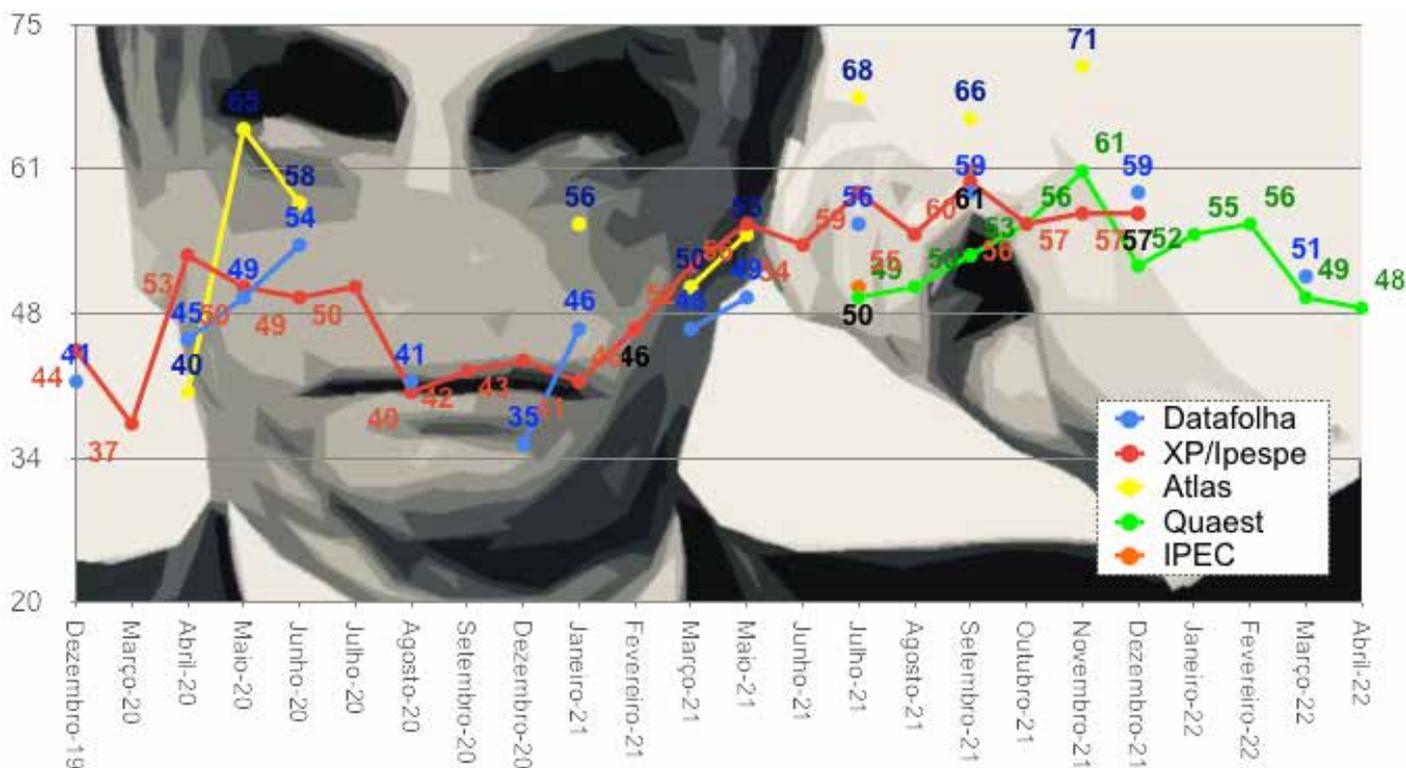
de 50% entre os eleitores de João Doria (PSDB).

Considerando que, segundo pesquisa Ipspe, são 68% os que dizem ter muito ou algum interesse pelas eleições presidenciais, é possível afirmar que o debate eleitoral está aquecido - e que a maior parte dos brasileiros já tem opção, ou se prepara para fazer uma escolha entre Lula e Bolsonaro.

Os levantamentos realizados pelos institutos apontam que a maioria dos brasileiros percebe a situação econômica como o grande problema do país. Se-

A avaliação negativa de Bolsonaro pelos jovens entre 16 e 24 anos

Dados das pesquisas realizadas entre dezembro de 2019 e abril de 2022



segundo a Quaest, um total de 46% mencionam temas econômicos: crise (17%), inflação (16%) e desemprego (13%).

Somado ao número de brasileiros que apontam a fome (9%) e a desigualdade (2%), há um percentual de 57% do eleitorado preocupado com a conjuntura. Neste sentido, os dados do levantamento mais recente do instituto Sensus ajudam a entender o cenário: para 59% dos eleitores, o país está no rumo errado. E, para 49,1%, houve piora na qualidade de vida. A Sensus mostra ainda que 87,9% têm o sentimento de que foram afetados pela inflação. O levantamento da Quaest trouxe 59% dos brasileiros que também sentiram piora na capacidade de pagar as próprias contas. O dado é significativo. Houve um aumento de 8 pontos percentuais desde janeiro.

Outro dado relevante no cenário pintado pelos institutos é que as pesquisas mais recentes também permitem um olhar sobre os segmentos da sociedade. Entre os

mais jovens, é possível perceber um movimento de aumento da aprovação e queda na reprovação ao governo Bolsonaro.

Se outrora os mais jovens eram um dos segmentos que lideravam a taxa de rejeição ao atual presidente, agora encontram-se próximos à média geral. De acordo com a Quaest, 48% desse segmento consideram o governo ruim ou péssimo. Em relação à aprovação, houve aumento de 8 pontos percentuais desde novembro de 2021, chegando hoje a 22% do total.

Do ponto de vista eleitoral, segundo a Quaest, Lula alcança 47% das intenções de voto entre a juventude, contra 30% de Bolsonaro e 6% de Ciro Gomes. Já no levantamento do Ipespe, que utiliza o recorte de faixa etária de 16 anos a 34 anos, Lula lidera com 47% das intenções de voto, mesmo patamar de janeiro, enquanto Bolsonaro tem 24% – aumento de 4 pontos percentuais no mesmo período. Ciro tem 11%, segundo a

mesma pesquisa.

Nos artigos anteriores, alertamos aos leitores da Focus Brasil para uma melhora generalizada na avaliação do governo na população. Se outrora os mais jovens se destacavam como grande polo de reprovação ao governo na sociedade brasileira, o cenário atual é diferente – ainda que seja um dos segmentos que menos aprovam o governo.

Bolsonaro tem acenado para os jovens. Ele anunciou medidas de renegociação de dívidas com o FIES e fez discursos direcionados não apenas ao segmento em si, mas aos pais e avós desses mais jovens para que os convencessem de que há coisas boas no governo atual. Embora Lula ainda seja o líder de intenções de voto entre os mais jovens, o governo faz esforços para quebrar sua rejeição nesse público. •

* Cientista político com mestrado na PUC de São Paulo, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (NOPPE), da Fundação Perseu Abramo.



O ILUSÓRIO FIM DA PANDEMIA

A crise sanitária não acabou, dizem especialistas. O fim do estado de emergência, decretado pelo Ministério da Saúde, expõe povo ao risco de novas variantes e pode criar “doença negligenciada” entre sequelados, especialmente os mais pobres

Isaías Dalle

O governo Bolsonaro quer encerrar a pandemia de covid-19 da mesma maneira como fez desde o início: fingindo que não existe. Ou, na melhor das hipóteses, tratando a questão como se não fosse problema do governo. Por decreto, o Ministério da Saúde decidiu extinguir o Estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional, que havia sido instalado há dois anos para enfrentar a doença.

Na prática, o decreto invalida centenas de normas que facilitam ações de governos estaduais e municipais. Agora, por exemplo, não há permissão para contratar pessoal e adquirir equipamentos e medicamentos sem as amarras burocráticas. As medidas podem atrasar em semanas ou meses decisões que deveriam ser tomadas de imediato.

Outro efeito do decreto é que a ideia de que a pandemia acabou. Ou que está sob controle definitivo. Isso vai aumentar a negligência das pessoas em relação a medidas de proteção e controle, como uso de máscaras em ambientes fechados ou evitar aglomerações. Enquanto isso, a cobertura vacinal de reforço continua baixa, atingindo apenas 39% da população.

Especialistas e pesquisadores da área de saúde condenam a decisão do governo Bolsonaro. A avaliação de todos – exceção a negacionistas em geral – é de que a pandemia não acabou e que a decisão do Palácio do Planalto coloca pelo menos dois perigos a rondar a população. Um deles, imprevisível, é de que novas variantes possam vir a trazer novos picos de infecção e o sistema de saúde não tenha rapidez e eficácia para responder.

O outro risco, perfeitamente previsível diante de experiências

anteriores, é de que as sequelas da covid deixem de ser atendidas adequadamente pelo SUS, dando origem a uma geração que as carregará para sempre. É o que os especialistas chamam de “doença negligenciada”.

Pesquisador da Fiocruz, Daniel Villela alerta: “Temos que evitar que a covid tenha o status de doença negligenciada. Síndromes pós-covid e a chamada covid longa vão ficar invisíveis em populações mais vulneráveis”. Coordenador do programa de computação científica da Fiocruz, ele diz que, desmobilizado o sistema público de saúde após o fim do estado de emergência, populações mais pobres e moradoras de periferias deixarão de ser prioridade no tratamento das sequelas.

Villela cita o exemplo do zika vírus, que em 2016 atingiu diversos países. No Brasil, lembra, após o estado de emergência ter sido revogado naquele período, não

foram criados serviços de atendimento a sequelas, e pessoas infectadas foram esquecidas. “Muitas famílias sofrem efeitos até hoje, especialmente crianças”, adverte.

Para o presidente do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Fernando Pigatto, a decisão do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, é irresponsável por ignorar um perigo que já provou ser real, embora imprevisível. “Imaginem se o fim do estado de emergência tivesse sido decretado no final de 2021, quando tudo parecia estar voltando à normalidade”, aponta. “O que teria acontecido no começo deste ano, quando uma nova onda aumentou muito o número de infecções e mortes? Teria sido uma tragédia ainda maior”.

Para Pigatto, não há como ter certeza de que novas variantes avassaladoras não possam surgir. Aliás, nem para a Organização Mundial da Saúde (OMS), que decidiu manter o estado de emergência pandêmico.

“Não há parâmetros anteriores sobre a doença. Estamos descobrindo seus efeitos e comportamento agora. Por isso, nós temos que tomar decisões em consonância com os órgãos multilaterais”, reforça a professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Ethel Maciel. Ela diz que o Brasil deve avaliar de forma permanente a evolução da doença, o que implica investir em diagnóstico. Isso inclui vigilância genômica, feita em laboratórios para identificar mutações no vírus, testagem e rastreamento. “Estamos em uma fase interpan-dêmica, podem surgir novas variantes”, ressalta.

O fim do estado de emergência pode acabar por completo com o preparo das unidades de saúde para atender infectados ou sequelados. “É uma vergonha, o Brasil ainda não tem protocolos de atendimento sobre como reportar os casos, quais os medica-

mentos indicados, quais cuidados os trabalhadores da saúde devem ter”, acrescenta a professora. Ethel lembra que, se houve adoção de protocolos, foi apesar do governo federal. “Erramos muito por não termos coordenação nacional”.

Neste ponto, o fim do estado de emergência pode comprometer instrumentos que fizeram de alguns estados e municípios peças de resistência. Muitas decisões foram tomadas em oposição a Bolsonaro, que chegou a recorrer à Justiça para retirar po-

TEMOS QUE EVITAR QUE A COVID TENHA O STATUS DE DOENÇA NEGLIGENCIADA. POPULAÇÕES MAIS VULNERÁVEIS VÃO ESTAR EM RISCO E PODEMOS NÃO VER

der de governadores e prefeitos no combate à pandemia.

Essa é a principal razão de os conselhos nacionais de secretários estaduais e municipais terem requerido 90 dias de adaptação ao fim do estado de emergência, avalia Fernando Pigatto. “Podem até recair em ilegalidade ao adotar procedimentos emergenciais”, explica o presidente do CNS.

Outra frente de resistência, como universidades e laboratórios públicos, corre risco de ficar ainda mais desassistida com o fim

do estado de emergência. Investimentos em pesquisa e contratação de pessoal, assim como a autonomia frente aos governos, ficam mais distantes.

Na área de pesquisa, um dos desafios mais urgentes é desenvolver uma vacina que se antecipe a novas mutações do vírus. É o que o pesquisador Eduardo Hage Carmo, da Fiocruz Brasília, chama de vacina multivariante, ou pansarbecovírus. “Precisamos construir respostas preventivas, e não apenas reativas”, explica. Hage toma como exemplo as vacinas contra influenza desenvolvidas no país, que protegem a população antes mesmo do surgimento de surtos ou epidemias.

Só que as vacinas de influenza são fruto de outros tempos, em que existia investimento em pesquisas. Quando o governo do Brasil não se isolava da comunidade científica internacional. No caso da influenza, destaca o pesquisador, o país faz parte da rede de monitoramento internacional e compartilha conhecimento. A Fiocruz e o Butantan, diz Hage, conseguiram desenvolver produção local de vacinas de covid com boas doses de rebeldia frente ao governo, por fazerem parte dessa rede.

O fim do estado de emergência e a consequente desmobilização de recursos e pessoal trarão outro problema. Os procedimentos represados durante a pandemia – cirurgias eletivas e exames, por exemplo – vão desembarcar no SUS e ampliar a demanda. Por isso, a necessidade de retomar uma política de financiamento à altura dos desafios. “Que os recursos extraordinários criados na pandemia se tornem ordinários”, propõe o coordenador do Observatório da Covid-19 da Fiocruz, Carlos Machado. “Na minha vida profissional, aprendi que após uma grande tragédia, é preciso reconstruir o terreno em bases melhores do que as que existiam antes”. •

OPINIÃO

TIRADENTES E A INDEPENDÊNCIA



Estamos diante do desafio de construir uma Nação soberana, desenvolvida e com justiça social para seu povo. E Lula representa, agora, a esperança de um país livre e democrático que remete ao ideário dos inconfidentes

Reginaldo Lopes

Em 21 de abril, o Brasil homenageia um dos seus filhos mais ilustres: o alferes Joaquim José



da Silva Xavier, o Tiradentes, mártir da Conjuração Mineira. Nesta data, há 230 anos, ele foi enforcado em praça pública pela Coroa Portuguesa, como forma de reprimir as ideias republicanas, anticolonialistas e libertárias daquelas que passaram para a história como os inconfidentes. Poetas, padres, militares e comerciantes que conspiraram pelos caminhos das Minas Gerais sonhando com a libertação do Brasil.

A frase célebre de Tiradentes – “Se todos quisessem, poderíamos fazer do Brasil uma grande Nação” – tornou-se o prenúncio de uma tarefa não cumprida. Somente três décadas após sua execução, a luta do inconfidente pela constituição de um país autônomo logrou êxito com a Independência em 1822.

Ao completar o bicentenário, refletir sobre a vida e as ideias de Tiradentes, é caminho para entender o desafio de construir uma Nação soberana, desenvolvida e com justiça social para seu povo.

Quis o destino que, juntamente neste ano, o Brasil vive os maiores retrocessos de sua história. Conquistas trazidas por séculos de lutas são tiradas pela conjunção de forças conservadoras das elites que encontraram no governo Bolsonaro, na maioria do Congresso

e em setores do Judiciário a força para implantar um projeto de traição nacional.

Assim, cabe às forças democráticas e patrióticas a defesa da soberania, da democracia, do patrimônio público e dos direitos

do povo, permanentemente ameaçados.

Na última semana, coube aos trabalhadores e à bancada do PT, lutar pelo impedimento da privatização da Eletrobrás, proposta pelo governo e aprovada pela maioria do Congresso e em análise pelo Tribunal de Contas da União. Os entreguistas querem internacionalizar a maior empresa energética da América Latina.

Se concluído o processo, nos-

**O DESAFIO DOS
É INTENSIFICAR
A RESISTÊNCIA
E AGLUTINAR
FORÇAS PARA
CONSTRUIR UMA
TRAVESSIA PARA
RETOMAR UM
PROJETO NACIONAL**

sa energia vai ser entregue às forças estrangeiras, assim como foi feito com nosso petróleo que, após o Golpe de 2016, passou a ter sua exploração dominada por petrolíferas de outros países. Agora, o mesmo acontece em processo acelerado com as riquezas minerais, subtraídas pelos colonizadores desde os tempos dos inconfidentes.

No último período, a extração avançou sobre terras amazônicas e aldeias dos povos indígenas, onde mineradoras norueguesas, britânicas, chinesas e de outros países ocupam quilômetros de terras, explorando madeira, minério, gado. A Amazônia brasileira está cada vez mais internacionalizada.

O desafio dos brasileiros é intensificar a resistência e aglutinar forças populares, progressistas e nacionalistas para construir uma travessia para um novo tempo, retomando o projeto nacional de desenvolvimento soberano.

Exaltar os ideais de Independência defendidos por Tiradentes remete a todos nós à luta de outro homem que já construiu uma história como dos mais importantes brasileiros de todos os tempos.

Lula representa, na atualidade, a esperança de um país livre e democrático que remete ao ideário dos inconfidentes. Em 7 de Setembro, quando completará 200 anos da Independência, o país estará a poucos dias da eleição que vai marcar definitivamente o destino da nação. Com Lula de volta à Presidência, o Brasil poderá retomar seu sonho de liberdade e justiça. •

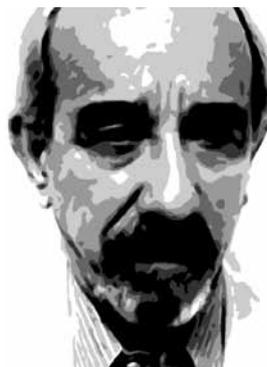
* Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder do PT



Dida Sampaio/AE

COMO O PT SALVOU O BRASIL: AUMENTO DA RENDA DOS MAIS POBRES

Com Lula e Dilma, a participação dos 50% mais pobres na renda familiar total subiu de 12,9% para 17,0%, entre 2002 e 2015. Em igual período, a participação dos 1% mais ricos caiu de 13,4% para 11,3%

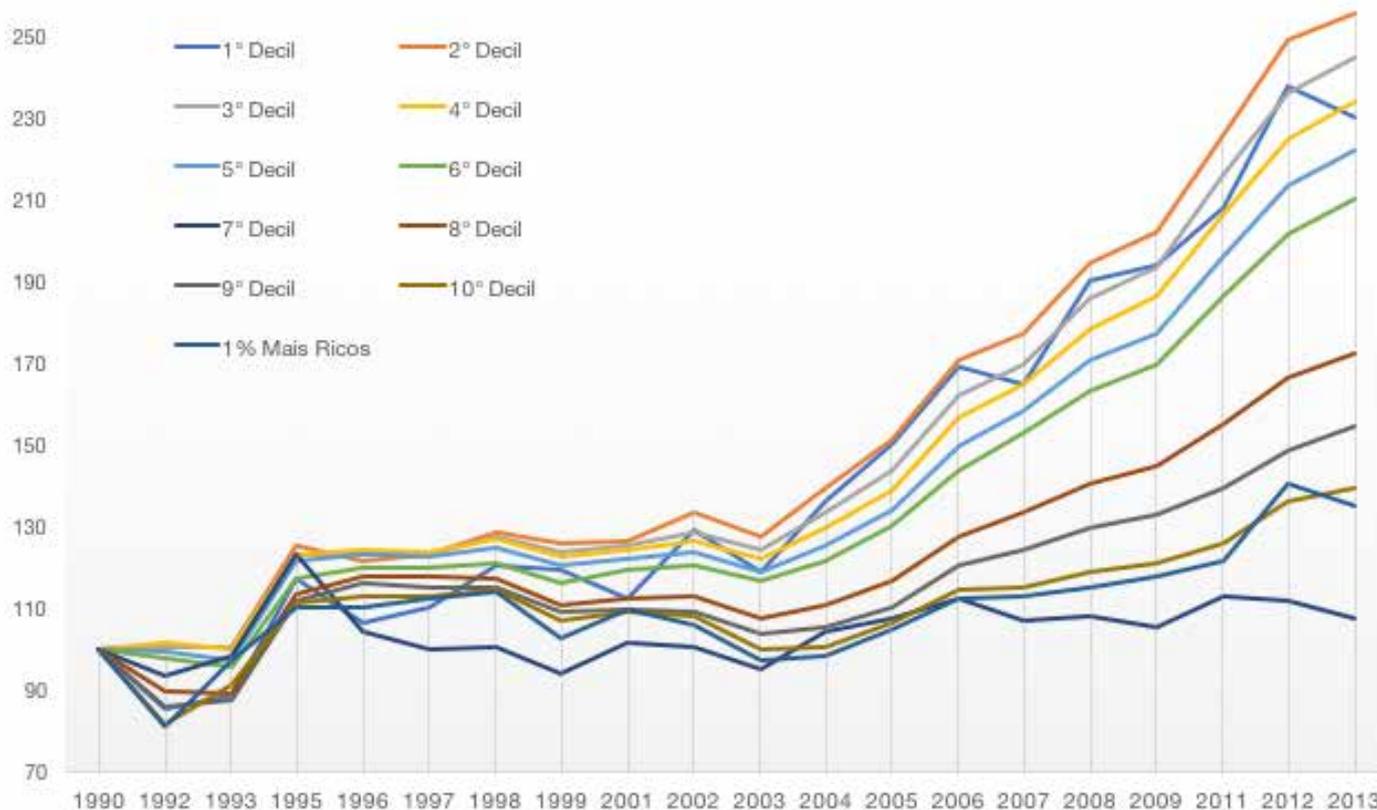


Eduardo Fagnani *, Gerson Gomes ** e
Guilherme Mello ***

Neste vigésimo terceiro artigo da série organizada para oferecer fatos e números que desconstruem as mentiras circulantes, segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”, vamos aprofundar a análise da queda da desigualdade da renda do trabalho.

Evolução da renda per capita, por decis. Gráfico 1

Base 1990=100. Período de 1990 a 2013



Fonte: PNAD-IBGE/ PEADATA. Apud CALIXTRE, André; FAGNANI, Eduardo. A política social nos limites do experimento desenvolvimentista (2003-2014). In: Para além da política econômica. Ricardo Carneiro, Paulo Baltar, Fernando Sarti (Orgs.) - São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

Nas análises anteriores, apontamos a falsidade da narrativa de que o PT quebrou o país, apresentando o comportamento de diversos indicadores que comprovam a melhoria dos fundamentos macroeconômicos durante os governos Lula e Dilma.

Sublinhamos que a partir de 2003 foi esboçada uma política de desenvolvimento apoiada na ampliação dos investimentos e na criação de um mercado de consumo de massas formado a partir de políticas de distribuição de renda, de expansão e formalização do emprego e de aumento e democratização do crédito, cuja maior virtude foi a melhora expressiva das condições de vida dos mais pobres.

Houve aumento salarial, ampliação do acesso ao crédito, geração de empregos com carteira assinada, valorização real do salário-mínimo e redução do desemprego, da informalidade, da pobreza e da desigualdade de renda medida pelo Índice de Gini.

Agora, mostramos como seu a queda da desigualdade da renda do trabalho. A renda domiciliar per capita, após ficar estagnada por dez anos, elevou-se a partir de 2005. O crescimento foi mais expressivo nos decis mais pobres – do primeiro ao sexto – relativamente aos mais ricos – do 7º ao 10º.

O 2º decil mais pobre, por exemplo, teve aumento acumulado em sua renda de 155,5% ao longo do período 1990-2013, enquanto o 7º (ou 4º mais rico) acumulou 7,2% de aumento real de renda. A maior intensidade desses aumentos ocorre a partir de meados da década de 2000 – gráfico 1.

Estudos realizados pela economista Tereza Campello, ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, mostram que todas as famílias tiveram aumento de rendimento nos governos petistas, mas o ganho real foi maior para os mais pobres.

Entre 2002 e 2015, o percentu-

al do rendimento médio domiciliar per capita real para o conjunto das famílias cresceu 38%. Entretanto, para os 20% mais pobres, o rendimento médio domiciliar per capita real cresceu 84% – quase quatro vezes maior que o acréscimo dos rendimentos dos 20% mais ricos. Já nos governos Temer e Bolsonaro (2015-2020), os ganhos dos 20% mais pobres foi residual.

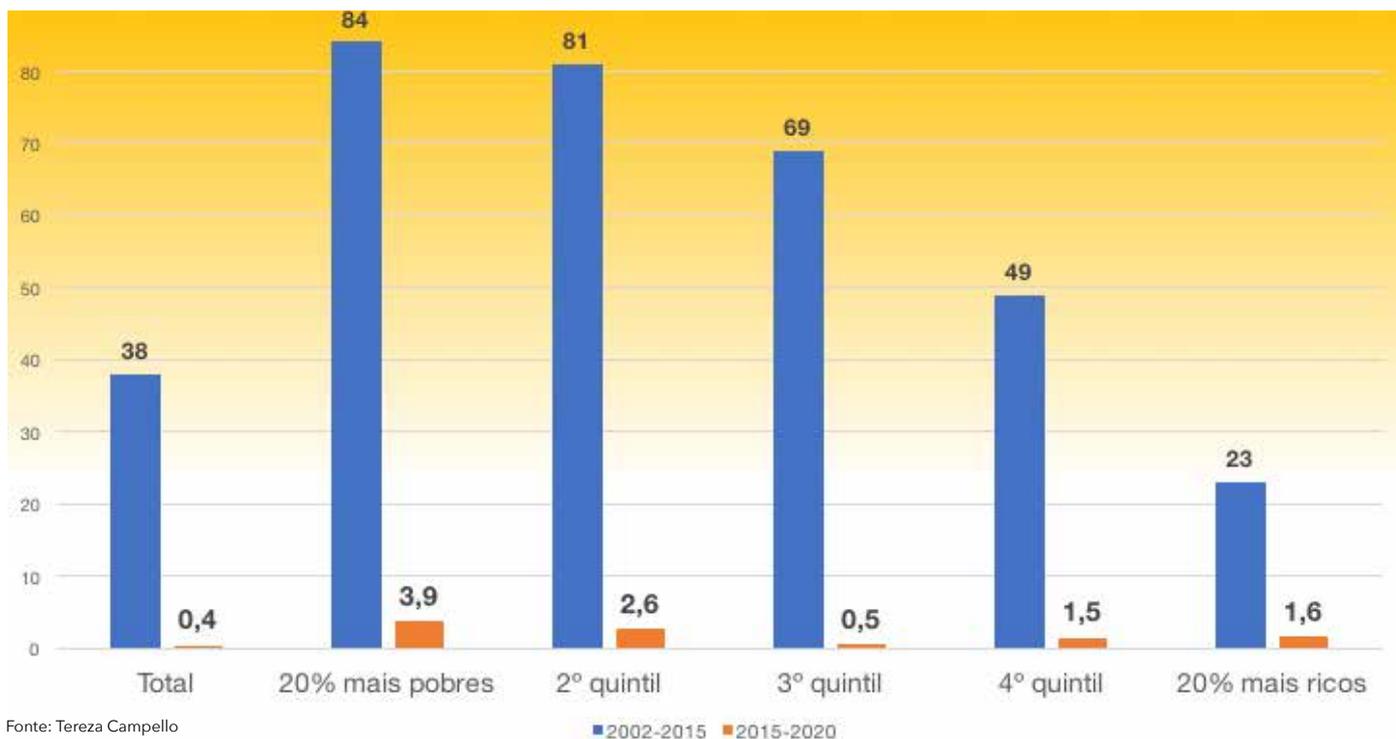
O crescimento da renda das famílias nos estratos inferiores gerou um mercado interno de consumo de massas com mais de 140 milhões de pessoas com médio ou alto poder de compra.

Entre 2002 e 2015, a participação dos 50% mais pobres na renda familiar total subiu de 12,9% para 17,0%. Em igual período, a participação dos 1% mais ricos caiu de 13,4% para 11,3%.

Nos governos petistas, entre 2012 e 2015, a razão entre o rendimento médio mensal real entre os 1% mais ricos e os 50% mais pobres declinou de 33,1 para 30,5. Nos governos Temer e Bolsonaro,

Rendimento médio domiciliar, por quintis. Gráfico 2

Em percentual, com dados referentes de 2002 a 2020



Fonte: Tereza Campello

essa razão atingiu parâmetros superiores aos verificados em 2012 – gráfico 3.

Estudos do IPEA, realizados por meio de regressões estatísticas das principais causas das variações e distribuição da renda domiciliar per capita, revelam que o mercado de trabalho foi fator determinante para o crescimento da renda domiciliar per capita entre 1990 e 2012 – respondeu por 71% da elevação.

E foi seguido pelas transfe-

rências de renda da Previdência – contribuição de 23% – e pelas transferências de renda do programa Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada – contribuição de 4%. No tocante à redução das desigualdades da renda do trabalho, o chamado índice de Gini, o mercado de trabalho respondeu por 47% da queda, seguido pelas transferências de renda – constitucionais e Bolsa Família –, com 24%; e pela Previdência, com 15% – tabela 1.

A participação relativa dos rendimentos do trabalho (salários) na renda nacional, na contramão das tendências históricas, cresceu de maneira significativa nos governos petistas, acima da taxa de expansão do PIB, refletindo a redistribuição, a favor dos assalariados, de parte importante dos ganhos de produtividade alcançados no período.

A participação dos componentes da remuneração do trabalho amplia-se de 30,6%, em 2004, para 35,6%, em 2015. Em contrapartida, em igual período, a renda do capital – tecnicamente denominada de “excedente operacional bruto” (rendimentos de propriedade de ativos, aluguéis, lucros e juros) – declina de 34,6 para 32,1%.

Com os governos do PT o Brasil voltou a crescer e a distribuir renda. O crescimento do PIB nos governos de FHC apresentou média anual em torno de 2,5%. No primeiro mandato de Lula, essa média subiu para 3,5% e atingiu 4,7% no segundo mandato de Lula. No primeiro governo de Dilma Rousseff a

Decomposição da renda. Tabela 1

Fatores	Crescimento da renda domiciliar per capita	Redução do Índice de Gini
Mercado de trabalho	71%	47%
Previdência	23%	15%
Transferências de renda (BPC e Bolsa Família)	4%	24%
Outros	2%	13%

Fonte: PNAD-IBGE/ IPEADATA. Apud CALIXTRE, André; FAGNANI, Eduardo. A política social nos limites do experimento desenvolvimentista (2003-2014). In: Para além da política econômica. Ricardo Carneiro, Paulo Baltar, Fernando Sarti (Orgs.) – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

média anual do crescimento do PIB recuou para 2,4%.

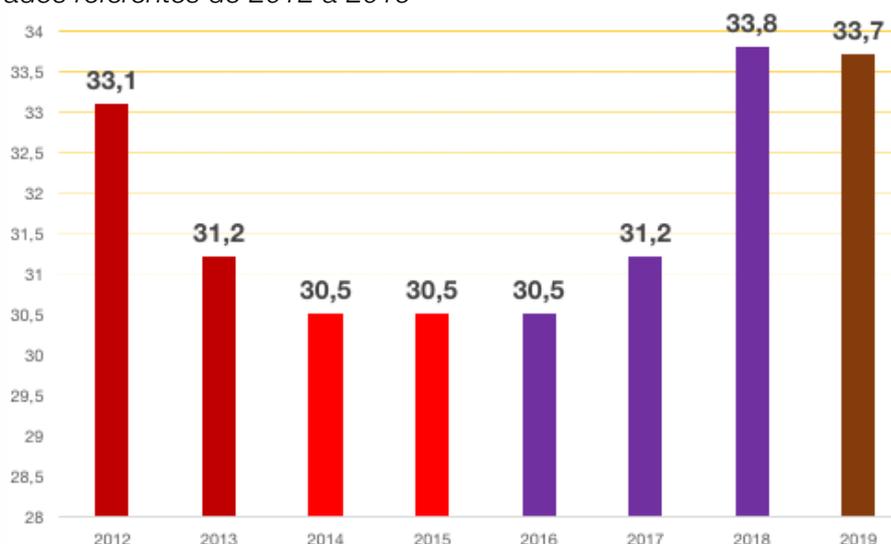
Esse ciclo de expansão, após mais de 20 anos de crescimento medíocre da economia, fez com que o PIB brasileiro, a preços constantes, subisse de R\$ 5,3 trilhões, em 2002, para R\$ 8 trilhões, em 2014. Um aumento de 51%.

O crescimento da economia ampliou a renda por habitante. O gráfico 4 mostra que, em valores constantes, o PIB per capita subiu, de cerca de R\$ 29,6 mil em 2002, para R\$ 39,4 mil em 2014 e R\$ 37,7 mil, em 2015. Nos governos Temer e Bolsonaro, o PIB per capita retorna aos níveis de 2008.

Resumindo. Pela primeira vez na história econômica recente do Brasil foi possível conciliar o crescimento do PIB com a redistribuição da renda, na contramão do sucedido em etapas anteriores, inclusive durante a ditadura militar e seu "milagre econômico". Naquela ocasião, o crescimento do PIB e o aumento extensivo do emprego a níveis decrescentes de remuneração funcionavam como mecanismos de atenuação

Rendimento médio 1% mais ricos e 50% mais pobres. Gráfico 3

Dados referentes de 2012 a 2019



Fonte: IBGE Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

dos conflitos sociais e preservação do processo de distribuição regressiva da renda e crescente concentração da riqueza.

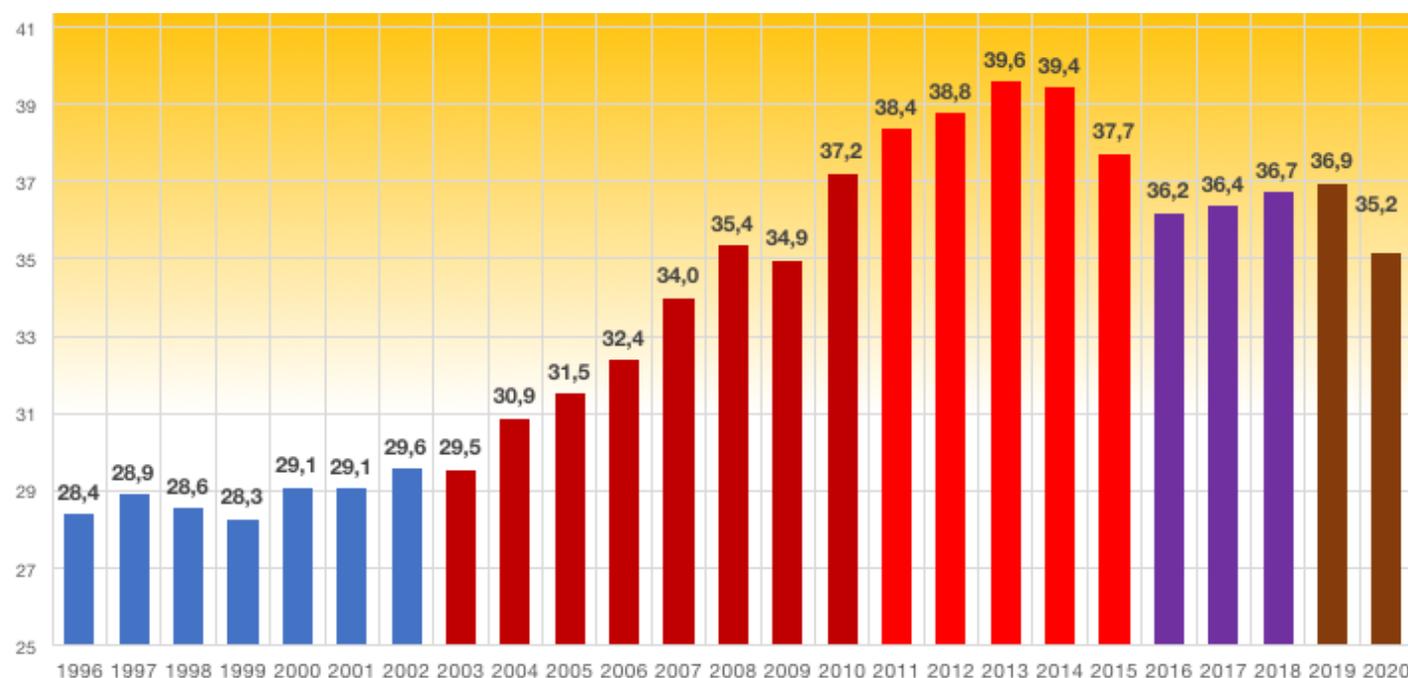
Assim se vê que, também nesse caso sobre distribuição de renda, não se sustenta a afirmação de que a "crise", que teria sido gerada pelos governos do PT, teria sido, fundamentalmente, fruto da "irresponsabilidade fiscal", como o arbítrio

mais delirante nunca se cansa de repetir. •

* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT), da Universidade de Campinas (Unicamp).
 ** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado e na Câmara. *** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica, da Unicamp.

Evolução do PIB per capita. Gráfico 4

Em milhares de reais, com dados referentes de 1992 a 2020



Fonte: BCB. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021

Carlos Namba/Editora Abril

25 de abril de 1974

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS EM PORTUGAL

Na madrugada de 25 de abril de 1974, jovens militares portugueses integrantes do Movimento das Forças Armadas receberam o sinal para dar início ao levante que derrubou uma das mais longas ditaduras do século 20. A canção "Grândola, Vila Morena", tocou na Rádio Renascença: "Dentro de ti, ó cidade/ O povo é quem mais ordena". Assim começava a Revolução dos Cravos, movimento que deu fim à ditadura salazarista, restabelecendo a democracia em Portugal.

António de Oliveira Salazar havia instaurado o Estado Novo em 1933 e governou o país até 1968, quando Marcello Caetano, seu herdeiro político, assumiu o poder. O levante militar, que se alastrou como uma faísca, mobilizou centenas de milhares de portugueses. Ao saber dos objetivos do movimento, os cidadãos começaram a dar cravos aos soldados, que os colocavam na ponta dos seus fuzis – daí vem o nome da Revolução.



23 de abril de 1984

CONTRA DIRETAS, TANQUES AMEAÇAM BRASÍLIA

Ditadura isola a capital federal, censura rádio e TV, na semana anterior à votação da Emenda Dante de Oliveira, que restabelecia as eleições diretas para a Presidência da República. Temendo a presença popular, uma semana antes da votação, o general João Figueiredo decreta estado de emergência no Distrito Federal, em Goiânia e em nove municípios do entorno da capital federal.

A medida tem o objetivo de isolar Brasília, evitar manifestações pró-Diretas e intimidar o Congresso Nacional. O direito de reunião é suspenso e se estabelece a censura aos noticiários de rádio e TV. O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, em discurso enérgico, condena "o ato ditatorial que afronta a Nação".

Na segunda-feira, 23 de abril, a pretexto de comemorar o aniversário do Comando Militar do Planalto, o general Newton Cruz desfila na Esplanada dos Ministérios montado sobre um cavalo branco,

à frente de 6 mil militares e 116 tanques e carros de combate. No dia seguinte, a população de Brasília promoveria um buzinaço e o general reagiria chutando e chicoteando automóveis que passavam pela avenida. "Buzina agora seu filho da puta". As buzinas tocaram até a madrugada do dia 25, data da votação. Das janelas, os moradores batiam painelas.

O Congresso foi cercado por policiais militares na véspera da sessão, mas isso não impediu que na manhã do dia 25 milhares de estudantes ocupassem o gramado em frente ao edifício. Deitados sobre a grama, escreveram com seus corpos a palavra de ordem Diretas-Já.

Dentro do prédio, a votação se prolongou até as 2h da madrugada de 26, sem que o país pudesse acompanhar os discursos e os votos pelo rádio ou pela TV. As informações saíam do prédio apenas por telefone e telex para as sedes de sindicatos e entidades.





27 de abril de 2004

LULA ANUNCIA CRIAÇÃO DO SAMU

Até 2004, o Brasil não contava com um sistema de atendimento capaz de socorrer pessoas em situação de emergência, que dependiam do apoio do Corpo de Bombeiros. Em 27 de abril, Lula assinou o decreto de criação do Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu).

Funcionando por meio de parcerias entre o governo federal, estados e municípios, o serviço nasceu com o objetivo de prestar socorro imediato a pessoas em situação de emergência de saúde, no local da ocorrência. Por discagem rápida, o número 192 passou a acionar os serviços de atendimento pré-hospitalar do Samu.

Aos poucos, o Samu foi se expandindo por todo o país. Até 2016, 3.049 municípios de todos os estados brasileiros já haviam recebido 2.525 ambulâncias básicas, 583 UTIs móveis e 185 centrais de regulação, cobrindo nada menos que 75% da população brasileira. Após o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, em 2016, o programa teve sua expansão interrompida pelo governo Temer.

23 de abril de 1993

CARAVANAS DA CIDADANIA PERCORREM O BRASIL

Um verdadeiro mergulho no Brasil profundo. Durante 20 dias, entre 23 de abril e 12 de maio, Lula percorreu 4.500 quilômetros por sete estados do Brasil. Organizada pelo Instituto Cidadania – antigo nome do Instituto Lula –, a Caravana da Cidadania tratava de ver de perto os problemas dos brasileiros dos mais distantes rincões.

Lula buscava construir, pelo diálogo com a população, uma alternativa de governo popular e democrático que respondesse às reais necessidades do país. Para isso, em vez de discursar, Lula en-

trevistava as pessoas Brasil a fora, procurando conhecer de perto suas vivências.

A primeira caravana partiu de Garanhuns (PE), terra natal de Lula, e terminou em Vicente de Carvalho, distrito pobre de Guarujá (SP) para onde sua família havia migrado em 1952.

Líderes do PT, sindicalistas, especialistas, técnicos e jornalistas acompanharam a jornada. Os integrantes das caravanas enfrentaram longas viagens de ônibus e hospedavam-se geralmente na casa de moradores das comunidades.

Outras datas históricas

22/04/1870: Nasce em Ulianovsk, na Rússia, o líder comunista Vladimir Ilyich Ulianov, o Lênin, um dos líderes da Revolução de Outubro.

23/04/1888: Nasce em Campos dos Goytacazes João da Costa Pimenta, fundador do PCB

25/04/1900: Nasce Livio Xavier, jornalista, fundador da Liga Internacionalista Comunista

25/04/1900: Nasce o crítico, jornalista e escritor Mário Pedrosa.

27/04/1911: Nasce o historiador e marxista Nelson Werneck Sodré.

27/04/1925: Nascimento do jurista Raymundo Faoro, um gigante na luta contra a ditadura militar enquanto esteve à frente da OAB e um dos mais importantes intelectuais da história do país.

28/04/2006: Realizado em São Paulo o 13º Encontro Nacional do PT.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br



O legado de Angeli

Um dos mais talentosos cartunistas brasileiros de todos os tempos anuncia aposentadoria por questões de saúde. Ao longo de 50 anos como um dos mais influentes artistas do país, o paulistano fez de sua obra um retrato duro e crítico da realidade nacional

Bia Abramo

Quem acordou cedo na última quarta-feira, 20 de abril, foi surpreendido por um tuíte da família do cartunista Angeli, anunciando seu desligamento profissional da *Folha de S. Paulo*, jornal onde trabalha desde 1973. Ele foi diagnosticado com afasia, condição neurodegenerativa que afeta fala e escrita. É como se uma das maiores estrelas dos quadrinhos, do cartum político e, claro, da crônica dos costumes da sociedade brasileira tivesse se apagado.

Apesar do choque inicial, é apenas a aposentadoria precoce. Angeli tem 65 anos. E é um dos

maiores artistas gráficos que o Brasil viu nascer na segunda metade do século 20. Ainda que já estivesse se afastando aos poucos nos últimos anos, em passo mais lento devido aos problemas de saúde – e um tanto à sua personalidade mais introvertida e reclusa – ainda produzia capas para a revista *Piauí* e charges para a *Folha*.

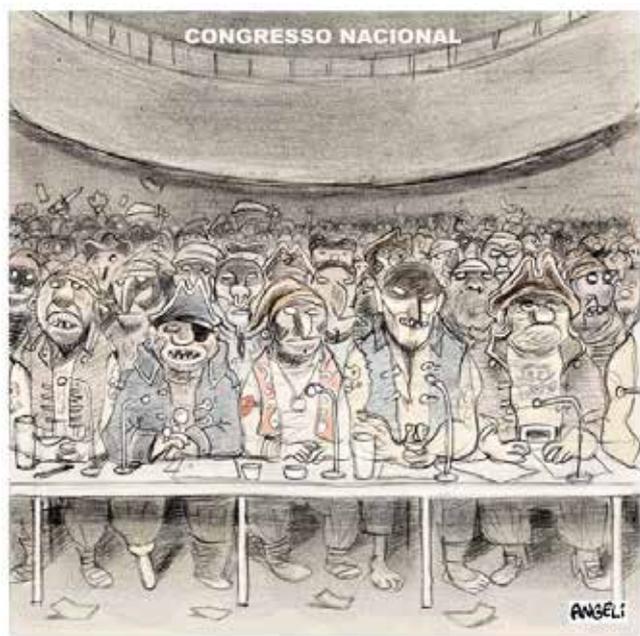
Nascido em São Paulo em 1956, Angeli estreou a tira “Chiclete com Banana” no caderno *Ilustrada* ainda na década de 1970. A partir dali, criou personagens que se tornaram emblemáticos da cena cultural paulistana, como Rê Bordosa, Bob Cuspe, Os Sktrotrinhos, entre muitos.

Em tempos de censura e repressão política e policial nas ruas, como ainda a maior cidade industrial do país, São Paulo, determinadas expressões artísticas

florescem pela sua capacidade de sintetizar. E quase que não há uma forma mais breve do que unir imagem ao texto do cartum e das tirinhas. Driblava-se os olhares vigilantes vários, dos donos de jornal aos censores propriamente ditos.

A cena dos quadrinhos no Brasil dos anos 1970 é um exemplo disso. Além de uma série de publicações específicas dessa área, publicadas de forma independente, como a revista *Grilo*, havia enorme demanda para artistas gráficos nos veículos da imprensa alternativa, alguns de circulação nacional e tiragens semanais.

Com a abertura “lenta, gradual e segura”, também a grande imprensa foi despertando para os mais jovens e com outras referências culturais que tornavam-se também leitores e assinantes de jornais e revistas. Esse cenário



Divulgação



deságua nos anos 1980 naquilo que podemos, de fato, classificar como um período de efervescência cultural, pelo menos nas grandes cidades brasileiras.

É nesse contexto que Angeli, ao lado de Laerte, Luis Gê e Glauco fundam a revista *Chiclete com Banana*, em 1985. A publicação seria quase um laboratório de experimentações nos quadrinhos e

influência decisiva para gerações de leitores e quadrinistas.

Com uma habilidade notável para criar personagens e humor afiado, Angeli registrou nas tiras e quadrinhos as profundas transformações pelas quais passava o Brasil da redemocratização, enfatizando tipos urbanos como o punk Bob Cuspe, os frequentadores e frequentadoras de bares de

São Paulo, como Rê Bordosa, em sua ressaca permanente. Também abriu espaço aos velhos hippies Wood e Stock, ao guru Rallah Ricota e tantos outros.

Nesse sentido, pode-se dizer que, nessa criação quase compulsiva de personagens observados nas ruas, Angeli incorporava algo da tradição da crônica literária, plasmando modos de se expres-



sar que surgiam, gírias e até posturas corporais.

Seu traço, preciso nos detalhes, mas, ao mesmo tempo sujo e sem pudores, contrastava com aqueles que eram seus companheiros de geração, de revista e que culminaram naquela que será a coisa mais ousadas de quadrinhos em jornal desse período: "Los 3 Amigos", uma história quase completa e colaborativa.

Inicialmente assinada em conjunto pela Laerte e por Glauco (1957-2010), chegou a ter convidados especiais como Luis Gê e, mais adiante, Adão Iturrusgarai. Transformados em caubóis, em algum lugar de fronteira, Los Três Amigos – que poderiam ser

quatro – tinham aventuras diversas e meio entediadas, cada um montado em seu pangaré, nos quais os próprios quadrinistas eram personagens e com o detalhe de contrastar no mesmo espaço físico do jornal desenhos tão diferentes.

Angeli também tinha uma relação forte com a música, especialmente o punk e o pós-punk britânico dos anos 1980, como se depreende pelos personagens e, mesmo, pelas tiras auto-reflexivas que, a partir dos anos 2000, ele publicava sob o nome de "Angeli em Crise". Ali, aparece encerrado em seu apartamento e sua coleção enorme de discos em vinil.

Não foi esse gênero musical,

no entanto, que o cartunista tocou ilustrar para um clipe animado encomendado pelo UOL. A partir da tradução de uma canção de Cole Porter, "Let's do it", e com as vozes de Chico Buarque e Elza Soares, o clipe "Façamos", dirigido pela jornalista Mara Gama, foi um *tour de force* tecnológico e criativo.

A canção de Porter convida a amada (ou o amado) a aceitar o convite de um encontro – ou de um relacionamento – em ritmo de jazz e, a partir disso, descreve como os animais todos o fazem. No roteiro do clipe, isso foi transformado em diversas cenas das costas de um sujeito enorme, já bastante tatuado, e que está sendo tatuado novamente. •



BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
Documentação e
Memória Política
INSTITUÍDO EM 2001



**COMITÊ
POPULAR
DE LUTA**



Saiba como criar um comitê
pt.org.br

em busca de Anselmo

produzido por
Camilo Cavalcanti

roteiro e direção
Carlos Alberto Jr.

produção executiva
Camilo Cavalcanti e
Viviane Mendonça

direção de fotografia
Pedro Semanovschi

música original
Lucas Mercier
Fabiano Krieger
Pedro Mibielli

coprodução
WarnerMedia Latina America
Clariô Filmes

Conheça a
jornada de
José Anselmo
dos Santos.
Protagonista
de um dos
capítulos mais
significativos
da luta contra a
ditadura militar.

minisérie em cinco capítulos

